

**Ana Maria Vieira
Ricardo Vieira
José Carlos Marques**
(Orgs.)

**TEMAS E CONTEXTOS
DE PEDAGOGIA-EDUCAÇÃO
SOCIAL**

Título: Temas e Contextos de Pedagogia-Educação Social.

Organizadores: Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques

© 2021, Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-

Colecção: Textos /

Depósito legal:

N.º edição:

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

Comercial@companhiadasartes.pt

novembro de 2021

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeia



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Índice

Prefácio	7
<i>José Ortega Esteban</i>	
Temas e contextos de pedagogia-educação social: uma introdução	13
<i>Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira e José Carlos Marques</i>	
Capítulo 1 – A formação de educadores sociais em Portugal: mesa-redonda sobre “Temas e Contextos de Educação Social em Portugal”	25
<i>Paulo Delgado, Cláudia Luísa, José Carlos Marques, Leonor Dias Teixeira e Rui Pedro Pinto</i>	
Capítulo 2 – Inovação, pedagogia social e desenvolvimento humano	59
<i>Isabel Baptista</i>	
Capítulo 3 – Educación social y pedagogía social: aproximación a su estado de cuestión en España	67
<i>José Antonio Caride</i>	
Capítulo 4 – Investigar la historia de la educación social en España desde sus microhistorias	87
<i>Victoria Pérez de Guzmán e Juan Francisco Trujillo Herrera</i>	
Capítulo 5 – Educación social. Retos ante la discriminación de mujeres y niñas. La trata de personas	107
<i>Encarnación Bas Peña</i>	

Capítulo 6 – Voluntariado, vinculação universitária, mediação e investigação	135
<i>Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
Capítulo 7 – Educação social em contexto autárquico	149
<i>Cláudio Lopes</i>	
Capítulo 8 – O educador social em contexto de biblioteca: práticas de promoção e animação cultural	173
<i>Catarina Coelho</i>	
Capítulo 9 – O acolhimento familiar de crianças e jovens no contexto brasileiro. Considerações sobre a experiência do município de Cascavel	197
<i>Paulo Delgado e Rachel Fontes Baptista</i>	
Capítulo 10 – (Sobre)viver no acolhimento terapêutico	213
<i>Igor Magalhães</i>	
Capítulo 11 – Educador social: um “sobrevivente” no mundo do acolhimento residencial (Diálogo com o texto de Igor Magalhães)	233
<i>Miguel Prata Gomes</i>	
Capítulo 12 – O educador social em contexto de acolhimento residencial – uma análise reflexiva	241
<i>Rolando Gaspar</i>	
Capítulo 13 – O associativismo, a profissão e a profissionalização da educação social	265
<i>Sílvia Azevedo</i>	
Sobre os autores	273
Sobre os organizadores	279

TEMAS E CONTEXTOS DE PEDAGOGIA-EDUCAÇÃO SOCIAL: UMA INTRODUÇÃO

Ana Maria Vieira
Ricardo Vieira
José Carlos Marques

Temas e Contextos de Pedagogia-Educação Social é um livro de diálogos. Diálogo entre autores portugueses e espanhóis que se dedicam à Pedagogia-Educação Social, diálogo entre temas e contextos onde a Pedagogia Social se materializa na Educação Social, diálogo entre instituições onde se cursam licenciaturas em Educação Social, diálogo entre as dimensões mais teóricas deste saber da Pedagogia Social e as mais práticas onde ocorre a Educação Social, seja no trabalho de acolhimento de crianças, no voluntariado, na Educação Social em contexto de bibliotecas, em contexto autárquico, em centros de acolhimento temporário, no âmbito da discriminação de mulheres e crianças, entre outros, seja, ainda, na discussão dos trajetos da Educação Social, quer em Portugal, quer em Espanha.

O livro decorre da conciliação de diálogos, reflexões e investigações realizados a propósito de um ciclo de conferências intitulado “Temas e Contextos da Educação Social”, tema que empresta o título ao livro, que a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria (ESECS), do Instituto Politécnico de Leiria (IPL), vem dinamizando desde 2017, no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Seminário Temático de Educação Social da licenciatura em Educação Social da ESECS.IPL, do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, também da ESECS.IPL, e no âmbito da investigação produzida no polo do IPL do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA.IPLLeiria).

O ciclo de conferências realiza-se no primeiro semestre de cada ano académico e tem contado com especialistas da área da Pedagogia-Educação Social, portugueses e espanhóis, e também com licenciados e mestres pela ESECS, nesta área.

Um obrigado, desde já, a todos estes autores que se quiseram juntar ao diálogo alargado que este livro faz dentro da Península Ibérica, e um especial obri-

gado ao Professor José Ortega que nos honra com o seu saber, o seu exemplo de pedagogo e educador marcante para todos nós e que nos dá a honra de prefaciá-lo este livro que é de muitos, embora organizado por três professores da ESECS. IPL. Alguns dos conferencistas não tiveram possibilidade de juntar os seus textos a este livro, pelo que ficamos a aguardá-los para uma próxima publicação.

Esperamos que esta obra possa ter utilidade para quantos se interessam pela Educação Social, essencialmente os estudantes, professores e investigadores, de língua portuguesa e espanhola, espalhados para além da península que nos une e acolhe.

A Pedagogia Social é considerada uma Ciência da Educação, embora com um grande enfoque na vida fora da escola, na educação ao longo da vida, trabalhando de uma forma holística com as Ciências Sociais, num *mix* criativo e interativo de domínios, por vezes, abusivamente, separados. De facto, a cultura e a vida social não podem ser separadas, pelo que não deveriam passar à margem da escola.

Dada a interação entre as Ciências Sociais e as Ciências da Educação, a Pedagogia Social é cada vez mais considerada como um domínio científico transdisciplinar, razão por que não diz respeito apenas aos educadores sociais (Úcar, 2021). Antes, a todos os trabalhadores e interventores sociais. Nesta linha, a Educação Social surge associada ao desenvolvimento da investigação e produção científica nas Ciências da Educação e nas Ciências Sociais, refletindo a responsabilização da sociedade perante as problemáticas sociais mais gritantes, e corresponde a um espaço profissional desenhado no ponto de encontro, e de cruzamento, entre a área do trabalho social e a área da educação.

De acordo com Adalberto Dias de Carvalho e Isabel Baptista (2000), a Pedagogia Social fornece as ferramentas teóricas necessárias para uma intervenção no terreno que vise ajudar a tecer laços sociais e a criar situações de aprendizagem potenciadoras de felicidade, de bem-estar e de autonomia de vida. Considerando a Pedagogia Social como a ciência matriz da Educação Social (Caride, 2005), esta funciona como saber profissional dos educadores sociais. É ela que fornece as ferramentas para a intervenção prática, com e para os indivíduos, famílias, grupos e comunidades, através da Educação Social.

Nunca é demais clarificar e sublinhar a importância preventiva da Educação Social, assim como o trabalho social educativo. Quando nos referimos à Educação Social, referimo-nos, também, a um tipo de trabalho social de carácter educativo que desempenha funções pedagógicas procurando promover o bem-estar social. Referimo-nos a uma série de serviços sociais de carácter pedagógico que, por vezes, tendem a resolver problemas de carência de algo que atinge alguns grupos sociais situados mais nas franjas da sociedade e, outras vezes, procuram

prevenir problemas da população em geral assegurando os meios para tal: educação para a paz/convivência, educação ecológica, educação cívica, associativismo, voluntariado, ocupação de tempos livres, etc.

A preparação e a qualificação dos profissionais de Educação Social para o mundo do trabalho faz-se, hoje, através da formação em instituições legitimadas para o efeito, normalmente em Universidades e em Institutos Politécnicos, com objetivos, conteúdos, métodos, técnicas de ensino aprendizagem, recursos e meios para facilitar a atividade docente, métodos de avaliação, etc. A formação é pensada e desenhada atendendo à profissão e aos profissionais que se pretende qualificar, promovendo a aquisição de competências indispensáveis à criação de espaços para a intervenção e mediação socioeducativa em contextos diversificados.

Mas tal deverá ser pensado a partir da prática, e não exclusivamente a partir de modelos teóricos. E isto pressupõe pensar em investigação-ação, investigação em terrenos concretos com observação direta participante, ao modo antropológico, como alguns dos capítulos do livro bem ilustram. Assim, a Pedagogia Social-Educação Social pode crescer a partir do estudo da *praxis*. Unir a investigação e a análise da prática, construindo conhecimento teórico, é potenciar a relação entre teoria e prática e desconstruir essa falsa dicotomia tão usada noutros territórios e âmbitos profissionais. De facto, teoria e prática são duas faces da mesma moeda.

Defendemos, portanto, uma estreita ligação entre teoria e prática na Pedagogia Social e na Educação Social. O saber sociopedagógico tem em conta, simultaneamente, a exigência da interdisciplinaridade, de especialização, conforme as áreas de intervenção, mas também a transversalidade de saberes e a ligação crítica entre reflexão e ação. Por isso, defendemos o educador social como um profissional reflexivo. Por isso é tão fundamental a mediação relacional (Vieira & Vieira, 2013); o profissional da relação na prática do educador social (Vieira, 2013). José António Caride e Américo Peres (2013) escrevem, a este propósito, que

se deve promover correspondendo, assim, a qualquer educação que, para além de se reconhecer competente para «formar», assume os seus imperativos (trans) formadores. É este desiderato que se pretende ao invocar a Pedagogia-Educação Social e os múltiplos que com ela se abrem às práticas educativas inovadoras, nos termos em que se propõe a “mediação” e a “animação”, seja educativa, social e/ou cultural, face aos enormes desafios que a sociedade globalizada, da informação e do conhecimento traz consigo. (p. 24)

Mas esta profissão da relação tem, também, algumas dificuldades que devem ser refletidas, tais como: a necessidade de conciliação do distanciamento sujeito/objeto com a implicação profissional e a envolvimento nas situações (Ortega

Esteban, 1997); a questão da demora entre a reflexividade sobre os fenômenos sociais e educativos e a urgência de determinadas intervenções sociopedagógicas; a dificuldade em fugir ao reducionismo das perspectivas monodisciplinares para abarcar uma dimensão holística/global da Educação Social que trata da complexidade e, portanto, do Homem enquanto ser biopsicossociocultural (olhar às árvores mas não deixar nunca a noção e conceção da floresta).

A questão da profissionalização de um campo ou a questão das profissões em geral são habitualmente tratadas pela sociologia das profissões ou pela história dos serviços que aspiram a ser profissões, mas também pelos diversos campos que reivindicam o seu reconhecimento. É esse o caso da Pedagogia Social – Educação Social, como profissão, que visam, no momento, processos de profissionalização na medida em que querem delimitar o seu campo de intervenção relativamente às profissões afins, mas, também, porque querem afirmar-se socialmente na área social e educativa. Na verdade, a Pedagogia Social e Educação Social surgem-nos como um campo plural de investigação e intervenção (Baptista, 2012) em que a

educação desempenha um papel decisivo nos processos de desenvolvimento pessoal e sociocomunitário, devendo tornar-se num bem acessível a todos. O que, desde logo, implica uma atenção particular às pessoas que, sofrendo situações de privação e vulnerabilidade, enfrentam dificuldades especiais no exercício do seu dever de aprendizagem e do seu direito de formação. Ligada a um imperativo de solidariedade inalienável, esta atenção prioritária inscreve-se, porém, num projeto mais amplo e audacioso de promoção de verdadeiras culturas sociais de aprendizagem. (Baptista, 2012, p. 5)

Se a definição de profissão suscita consensos e discórdias, a verdade é que todos reconhecem a complexidade do que são os processos de profissionalização. Complexidade que aumentou pelas mudanças ocorridas em consequência das transformações sociais que abrem novos espaços de intervenção assim como deixam outros mais vazios, por exemplo, com a introdução de novas tecnologias, como regista Nerot (1974) a propósito da teoria das profissões.

Não há dúvidas, portanto, de que estamos perante alguma dificuldade em delimitar quer o campo da Pedagogia Social enquanto saber formativo para o Educador Social, quer enquanto campo operatório e interventivo da Educação Social (Ortega Esteban, 1999) que não pode existir autonomamente sem uma teoria orientadora da ação. Mesmo comungando da ideia de que essa teoria orientadora é a Pedagogia Social, subsiste um dilema resultante da supremacia da escola e dos processos pedagógicos e de educação escolar que se retiraram do todo social para se dedicarem, em particular, à literacia, à numeracia, à história

e à geografia. As dimensões da cidadania e dos direitos e dos deveres foram sempre um parente menos nobre; algo que a escola tratou ora como não curricular, ora como extracurricular, ora como não disciplinar, etc. Talvez isso mesmo tenha contribuído para o recente desenvolvimento da Pedagogia Social e da Educação Social como campos de intervenção com pessoas, grupos e comunidades, bem como com instituições sociais, sejam elas escolares ou não escolares. Apesar de mais ou menos excluídas da escola, a Pedagogia Social e a Educação Social são, hoje, paradoxalmente, reivindicadas, mesmo que indiretamente e com pouca visibilidade, no e pelo sistema escolar, que se quer afirmar mais social, mais ligado às famílias e comunidades, mais educativo e menos escolástico, afirmando-se, pelo menos em termos de retórica, menos por somatórios de disciplinas e mais por projetos educativos e pedagogias de projeto.

Creemos que a educação escolar se tem de transformar, também, numa educação mais social e trabalhar em rede, em territórios educativos com outras instituições, com as famílias e as comunidades, através de uma articulação feita pela mediação intercultural e comunitária (Giménez, 2010, 2014; Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido, 2016, 2017).

Na verdade, reduzir a educação à educação escolar seria ver apenas uma parte da realidade. Romans, Petrus, e Trilla (2003) referem mesmo que

a escola não é a reserva natural da formalidade e do rigor pedagógicos. As outras educações, as mal chamadas educações informais ou não formais podem ser mais formais que a própria escola. Existe, de facto, apenas uma educação [...]. A educação é global, é social e acontece ao longo de toda a vida. Se o objetivo da educação é capacitar para viver em sociedade e comunicar, é preciso admitir que, em algumas ocasiões, a escola adota uma atitude de reserva frente a alguns comportamentos sociais dos alunos. É por isso que a Educação Social nasceu para completar objetivos não assumidos pela escola (ou quem sabe a escola nasceu para completar a Educação Social). (p. 60)

Assim, a Educação Social tem de refletir, também, acerca da sua própria intervenção e questionar-se porque se faz de uma maneira e não de outra, por forma a incidir nas causas dos problemas para poder prevenir as razões que geram tensões e conflitos, e não atuar apenas no final da linha. E essa Educação Social tem de potenciar, com uma pedagogia de emancipação, a aquisição de competências para a vida, na própria escola da vida, investindo no sentimento de pertença das pessoas e comunidades (Vieira, 1998).

Por outro lado, ainda, o desenvolvimento da Educação Social, em contexto de Ensino Superior, permitiu uma maior preparação dos profissionais, com estágios curriculares, etc., facilitando a articulação entre a teoria e a prática.

Relativamente às encruzilhadas da identidade entre a Educação Social e outras profissões de Trabalho Social, convém frisar, neste capítulo introdutório, que o trabalho dos educadores sociais é concebido a partir de uma perspetiva educativa, transformadora e emancipatória, fugindo ao assistencialismo e centrando-se nas pessoas, baseando-se na sua autonomia, capacitação e desenvolvimento. Efetivamente, o principal objetivo da educação é que as pessoas sejam protagonistas da sua própria transformação, numa perspetiva consciencializadora.

Apesar das mais-valias do educador social como um profissional flexível e criador de pontes, enquanto mediador social e intercultural entre diferentes contextos socioculturais – o que, sem dúvida, é uma grande vantagem em termos profissionais –, a Educação Social em Portugal sofre ainda de alguma ausência de cultura profissional, o que tem dificultado o reconhecimento externo da profissão por parte de algumas instituições mais tradicionalistas no domínio do trabalho social.

Em síntese, agora, o educador social tem de se assumir como um profissional da mediação social e intercultural, um construtor de pontes, um construtor de concertações sociais e de relações interpessoais sadias de convivência, de projetos de vida individual e social numa perspetiva antropológica, consequência dos direitos humanos que pretende conciliar a diversidade na unidade das sociedades. E as competências do educador social são, necessariamente, multidimensionais e implicam preparação técnica, mas, também, o desenvolvimento de competências humanas tais como o autodomínio, a escuta ativa, a empatia, a abertura ao outro e a capacidade de enfrentar o risco e o sofrimento.

Finalmente, e como o prometido é devido, apresentamos a estrutura do livro, que põe em diálogo vários autores, temas e contextos da Pedagogia-Educação Social:

No capítulo 1 – *A formação de educadores sociais em Portugal: mesa-redonda sobre “Temas e Contextos de Educação Social em Portugal”* –, Paulo Delgado (Instituto Politécnico do Porto) potencia o diálogo entre os coordenadores das licenciaturas em Educação Social que se encontraram na ESECS, em outubro de 2019, para, numa mesa-redonda, pensarem e discutirem a formação de educadores sociais em Portugal. Deste modo, Cláudia Luísa (Universidade do Algarve), José Carlos Marques (Instituto Politécnico de Leiria), Leonor Dias Teixeira (Instituto Politécnico de Santarém), Rosa Maria Ramos Novo (Instituto Politécnico de Bragança) e Rui Pedro Pinto (Instituto Politécnico do Porto) par-

tilham testemunhos e refletem sobre os desafios que se colocam à formação e à prática profissional dos educadores sociais em Portugal, contextualizando realidades e experiências na área de intervenção de cada instituição de ensino superior.

Isabel Baptista evidencia, no capítulo 2 – *Inovação, pedagogia social e desenvolvimento humano* –, a especificidade e a relevância do conhecimento sociopedagógico e a necessidade de construir respostas socioeducativas baseadas no “pensamento relacional, sensível e problematizador” da Pedagogia Social e no seu carácter “intrinsecamente inovador”. Na sua perspetiva, o perfil de competências “específico e distintivo” dos pedagogos sociais, em geral, e, de modo particular, dos educadores sociais, bem como o seu “poder transformador”, afirmam-se através de uma “aposta continuada em dinâmicas de investigação, formação e ação consistentes e indexadas a um paradigma de alteridade”, assente numa “pedagogia da hospitalidade e do laço social” que é “vital para os processos de desenvolvimento humano”.

No capítulo 3 – *Educación social y pedagogía social: aproximación a su estado de cuestión en España* –, José Antonio Caride, localizando-se em território espanhol, mas simultaneamente estendendo-se a outras geografias, assinala a importância de construir e reivindicar “as identidades da Pedagogia Social e da Educação Social”, designadamente a partir das relações que estabelecem com a sociedade, distinguindo os seus respetivos “campos” de práticas mas conciliando respostas colaborativas, quer aos níveis educativo e social, quer científica, académica e profissionalmente. Assim, partindo de uma perspetiva histórica das mudanças que foram ocorrendo em cada país, o autor assinala o “protagonismo das universidades e dos coletivos profissionais” no trabalho de articulação e diálogo educação-sociedade e salienta a reciprocidade estabelecida entre “a dimensão social da educação e a missão educativa da sociedade”.

Victoria Pérez de Guzmán e Juan Francisco Trujillo Herrera abordam, no 4.º capítulo – *Investigar la historia de la educación social en España desde sus microhistorias* –, o processo histórico de compreensão e construção da História da Educação Social, em Espanha, e os elementos-chave a ter em consideração no estudo da Educação Social através de “micro-histórias” dos diversos contextos e territórios, que auxiliarão no entendimento do conjunto. Advogam os autores que é necessário “estabelecer uma categorização das entidades que contribuíram para o desenvolvimento” da História da Educação Social e seus “âmbitos” ou campos profissionais, não ignorando as sinergias criadas com a Pedagogia Social e a partilha de saberes entre os dois campos, bem como a reflexão acerca da dimensão científica da Educação Social, coproduzida pela “união da academia e das pessoas que trabalham nos diferentes campos profissionais”.

No capítulo 5 – *Educación social. Retos ante la discriminación de mujeres y niñas. La trata de personas* –, Encarnación Bas Peña, traçando uma panorâmica das questões relacionadas com a situação da mulher, a discriminação, o tráfico, o direito à igualdade entre géneros, realça os desafios que se colocam à Educação Social nestes “cenário[s] de ação socioeducativa”, em que “entra com pleno direito”, nomeadamente no que se refere à possibilidade de “realizar diversos tipos de ações voltadas à prevenção, formação, orientação e inserção laboral, em diferentes contextos (...) e grupos sociais”. A autora ressalva, nesta sequência, a importância de capacitar educadores e educadores sociais para a assunção destas tarefas, designadamente através da formação universitária, para que desenvolvam competências no sentido de “desenhar ações preventivas e assistenciais às vítimas e seus filhos”, concluindo que “a Educação Social não pode ficar fora desta problemática”, que “está integrada num dos eixos centrais desta licenciatura e profissão”.

Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido apresentam-nos, no capítulo 6 – *Voluntariado, vinculação universitária, mediação e investigação* –, um projeto de investigação realizado na Escola Superior de Educação de Leiria (ESECS) e no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais do polo do Instituto Politécnico de Leiria (CICS.NOVA.IPLeiria). Depois de sublinharem a “incerteza, provisoriedade e revisibilidade do conhecimento que vai sendo produzido e conhecido”, características próprias da epistemologia das Ciências Sociais, os autores apresentam o projeto VVUMI, cuja principal finalidade é a de “planificar e operacionalizar a realização de voluntariado”. Procura-se, com este projeto, investigar “motivações por parte de quem procura fazer voluntariado e por parte de quem acolhe voluntários”, com o propósito de “construir uma plataforma digital” que medeia a procura e a oferta, “criar uma bolsa de voluntariado” e promover “formação para um voluntariado mais informado, mediador (...) e capacitador”, simultaneamente estreitando “a ligação dos cursos da área social da ESECS.IPLeiria com as instituições”.

No capítulo 7 – *Educación social em contexto autárquico* –, Cláudio Lopes dá-nos o seu testemunho acerca das funções que, enquanto educador social, desempenha ao serviço do município de Figueiró dos Vinhos, expondo os principais contornos da sua intervenção socioeducativa nos projetos da área social desenvolvidos quer no próprio Gabinete de Ação Social do município, quer em parceria com outras entidades, assim “demonstrando a polivalência do Educador Social, bem como a importância do trabalho em rede com outros profissionais da área social”. Destaca, neste contexto, a importância de o educador social adquirir, ao longo do seu percurso profissional, “um conjunto de competências afetivas, mediadoras e interpessoais, criando (...) uma maior relação de proximidade”.

dade humana, que irá favorecer e potencializar o seu trabalho enquanto técnico da área de intervenção social”.

Na mesma linha de interlocução, Catarina Coelho relata-nos, no 8.º capítulo – *O educador social em contexto de biblioteca: práticas de promoção e animação cultural* –, a sua experiência enquanto profissional de uma biblioteca municipal e os desafios que se colocam aos técnicos que, nestes contextos, desenvolvem a sua atividade, realçando a necessidade de “reflexão sobre o papel do profissional de biblioteca enquanto agente de mudança” num “espaço de promoção de encontros entre grupos, espaço de acolhimento e respeito das diferenças”. As práticas de promoção e animação cultural e, especificamente, a mediação como “estratégia de intervenção com jovens utilizadores da biblioteca” são perspectivados na abordagem ao programa “Biblioteca Ativa”, dirigido a jovens, com o objetivo de “compreender e interpretar” as suas atitudes “face à atividade de animação da leitura”.

No capítulo 9 – *O acolhimento familiar de crianças e jovens no contexto brasileiro. Considerações sobre a experiência do município de Cascavel* –, Paulo Delgado e Rachel Fontes Baptista caracterizam o modelo de acolhimento familiar no contexto brasileiro, destacando, nomeadamente, os seus antecedentes jurídicos e sociais, as suas diferentes finalidades, bem como os procedimentos associados à preparação, acompanhamento e cessação do acolhimento. Há, depois, um breve olhar a um programa de acolhimento familiar considerado pioneiro no contexto brasileiro, com a realização de uma entrevista a Sergio Kreuz, Juiz de Direito e principal mentor do programa, que termina com um conjunto de considerações sobre a realidade e os desafios que se colocam ao desenvolvimento do acolhimento familiar no Brasil.

Igor Magalhães reflete, no capítulo 10 – *(Sobre)viver no acolhimento terapêutico* –, sobre o acolhimento residencial de crianças e jovens e a sobrevivência às “intempéries de vida” que marcam a “travessia” pela casa de acolhimento, com as emoções (eminentemente conflituantes) que lhe subjazem. Apontando o amor e o “desenvolvimento da relação autêntica e securizante” como vitais, nesse processo, bem como necessidade de uma intervenção especializada, o autor aborda dinâmicas simbólicas de vidas (e explora um caso prático) que, em diferentes momentos, se vão encontrando e desencontrando no acolhimento terapêutico, instando à reflexão sobre o constante desafio de transformação das casas de acolhimento, com o intuito de responder às necessidades das crianças e jovens, mas também de promover “a partilha das aprendizagens e erros”, com o objetivo último de, através uma visão terapêutica conjunta, se conseguir “uma travessia reparadora e facilitadora do amadurecimento da criança e jovem”.

No capítulo 11 – *Educador social: um “sobrevivente” no mundo do acolhimento residencial (Diálogo com o texto de Igor Magalhães)* –, Miguel Prata

Gomes, precisamente dialogando com o capítulo anterior, de Igor Magalhães, procura “desvelar ou trazer à luz o papel que (...) o Educador Social desempenha na prática do acolhimento residencial”, refletindo sobre este técnico – “sobrevivente” –, cujo cerne do trabalho socioducativo é de “profunda mediação”, através de três imagens: “o construtor de pontes”, o “profissional reflexivo” e o “hóspede”. Além do papel do profissional “da relação com outro” na casa de acolhimento, que a leitura do texto de Igor Magalhães convoca, Miguel Prata Gomes ressalta, ainda, “o caráter autotransformativo inerente à Educação Social”, que a mesma leitura sugere, equacionando-a “como projeto antropológico” e transformador, quer para o jovem, quer para o próprio educador/mediador.

Sem nos desviar do território do acolhimento residencial, que nos últimos capítulos temos vindo a trilhar, Rolando Gaspar conduz-nos, no penúltimo capítulo – *O educador social em contexto de acolhimento residencial – uma análise reflexiva* –, por “algumas das problemáticas associadas à intervenção dos educadores sociais” em casas de acolhimento residencial, com o propósito de “criar um espaço de reflexão e de partilha” sobre o seu papel neste contexto institucional, bem como “acerca das potencialidades e limitações/constrangimentos da sua intervenção”. A par desta discussão, o autor apresenta quatro casos práticos de jovens institucionalizados, como exemplos de intervenção, destacando a necessidade de existir uma consciência do impacto que esta terá na vida das crianças e/ou dos jovens acolhidos, e também, “direta ou indiretamente, na comunidade em que estão inseridas/os”, competindo ao educador “criar sinergias e condições relacionais” que potenciem o envolvimento e a corresponsabilização de todos pelos resultados obtidos.

Por fim, no capítulo 13 – *O associativismo, a profissão e a profissionalização da educação social* – Sílvia Azevedo, partindo de um “enquadramento da história da profissão” de educador social, “relativamente recente” e ainda “em processo de profissionalização e afirmação da sua identidade”, salienta a importância da “preparação técnico-científica e consequente desenvolvimento das competências profissionais” destes técnicos, bem como o papel do trabalho associativo (e, neste caso, especificamente, da Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social – APTSES), âmbitos de ação que, em conjunto, contribuem para a promoção e afirmação da Educação Social e “o reconhecimento do estatuto específico” da profissão, conduzindo-nos a “um olhar promissor sobre o futuro da mesma”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, I. (2012). Pedagogia social, um campo plural de investigação e intervenção. *Cadernos de Pedagogia Social*, 4, 5-8.
- CARIDE, J. A. (2005). *Las fronteras de la pedagogia social. Perspectivas científica e histórica*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- CARIDE, J. A., & Peres, A. (2013). Prefácio. In A. Vieira, *Educação social e mediação sociocultural* (pp. 23-25). Porto: Profedições.
- CARVALHO, A. D., & Baptista, I. (2004). *Educação social: Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- GIMÉNEZ, C. (2010). *Interculturalidade e mediação*. Lisboa: ACIDI, I.P.
- GIMÉNEZ, C. (2014). *Seminário intensivo sobre mediación intercultural*. Madrid: IMEDES e ACM.
- NEROT, S. (1974). Les professions du travail social. In S. Crapuchet (Ed.), *Sciences de l'ombre et professions sociales*. Toulouse: Privat.
- ORTEGA Esteban, J. (1997). La búsqueda del objeto, del espacio y del tiempo perdido de la pedagogia social. *Cultura y Education*, 8, 103-119.
- ORTEGA Esteban, J. (1999). Educación social especializada, concepto y profesión. In J. Ortega Esteban (Coord.), *Educación social especializada* (pp. 13-41). Barcelona: Ariel.
- ROMANS, M., Petrus, A., & Trilla, J. (2003). *Profissão educador social*. S. Paulo: Artmed.
- ÚCAR, X. (2021). Constructing questions for the social professions of today: The case of social pedagogy. *International Journal of Social Pedagogy*, 10(1), 9. <https://doi.org/10.14324/111.444.ijsp.2021.v10.1.009>
- VIEIRA, A. (2013). *Educação social e mediação sociocultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, A., & Vieira, R. (2013). Pedagogia social, comunicação e mediação intercultural. *A Página da Educação*, n.º extra série, 34-35.
- VIEIRA, R. (1998). *Entre a escola e o lar: O currículo e os saberes da infância*. Lisboa: Fim de Século.
- VIEIRA, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs.). (2016). *Pedagogias da mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs.). (2017). *Conceções e práticas de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento.